

Andrew Hosken

# **Império do Medo**

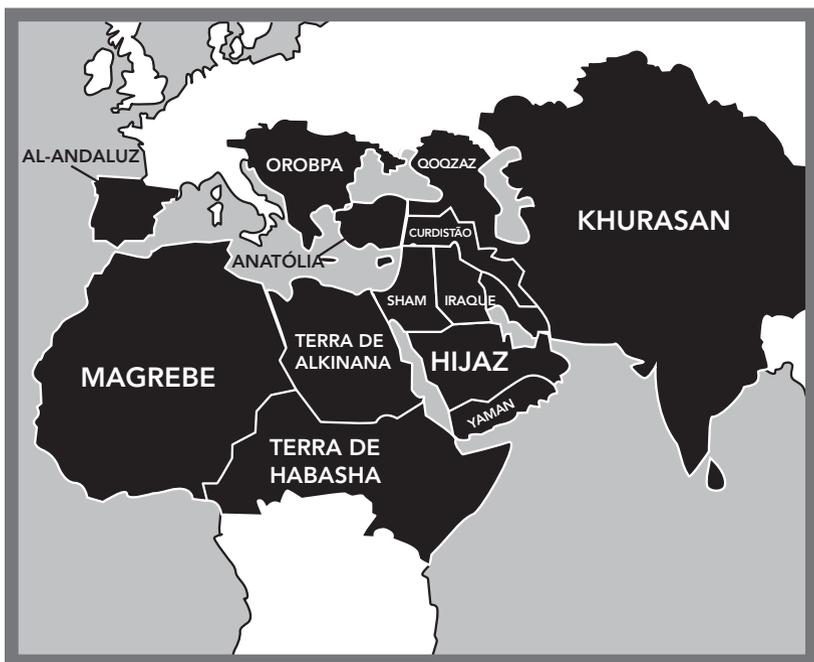
No interior do Estado Islâmico

Tradução  
Paulo Ramos

 Planeta

## Índice

Lista das ilustrações .....	9
Mapas .....	11
Introdução .....	15
1. A face que lançou mil ataques .....	19
2. Sete passos .....	33
3. A teoria do caos e os factos .....	45
4. A gestão da selvajaria .....	59
5. 632 e depois disso .....	75
6. O califa esquecido .....	89
7. Toque a despertar .....	105
8. A selvajaria com uma nova gestão – a ascensão de Abu Bakr al-Baghdadi .....	123
9. A loucura xiita .....	143
10. O flagelo da Síria .....	163
11. No inferno da guerra .....	183
12. Carros-bomba e outras despesas .....	199
13. «Viva a morte!» – No interior do califado .....	213
14. Matar o califado .....	235
15. Os senhores do caos .....	255
Notas .....	269
Índice remissivo .....	319



Uma nova ordem mundial, como concebida  
pelo Estado Islâmico

# Introdução

2015

Ninguém previra a surpreendente *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago) do Estado Islâmico que, em Junho de 2014, levou à criação de um califado no Médio Oriente, mais ou menos do tamanho da Grã-Bretanha, e que confrontou o mundo com o mais grave desafio em termos de segurança dos tempos modernos.

Coloquei ao Dr. Azzam Tamimi, um destacado académico anglo-palestino, activista e por vezes polémico, a pergunta por cuja resposta todos anseiam: «O que é o Estado Islâmico?» Não podia ter sido mais claro: «O ISIS é uma resposta extremamente demente a uma crise bastante profunda.»<sup>1</sup>

Mas qual é exactamente a crise e porquê uma resposta tão aterradora? O que querem eles e o que acontecerá se obtiverem aquilo que pretendem? O que move a sua implacabilidade absoluta? Usando as palavras imortais de Butch Cassidy e Sundance Kid acerca do pelotão que os persegue sem descanso: «Quem são estes tipos?»

Para muitas pessoas, o Estado Islâmico (EI) e o seu califado apareceram do nada e isto porque a maioria se desinteressou do Iraque e pela maré de violência que alastrou por todo este país. A Guerra do Iraque não tinha sido popular e arrastara-se por demasiado tempo. Além disso, havia outros motivos de distração sérios, como a Primavera Árabe de 2011 ou a Guerra da Ucrânia, na qual passei bastante tempo no início de 2014 antes de o EI desencadear a sua surpreendente campanha militar.

O EI não aparecera do nada. As suas origens remontam à invasão liderada pelos EUA em 2003 e mesmo a conflitos anteriores no Afeganistão. Quando investigamos a história tenebrosa desta organização percebemos que, na verdade, os EUA estão em guerra com as várias encarnações do EI desde há doze anos, ou seja, quase quatro vezes mais tempo do que aquele em que estiveram em guerra com o Japão e a Alemanha nazi. E parece não haver fim à vista. Outros perigosos grupos extremistas jihadistas, como o Boko Haram na Nigéria, juraram fidelidade ao EI e, no início de 2015, este grupo conseguiu impor uma presença assassina no meio do caos que se vive na Líbia.

Para mim, enquanto repórter da BBC, o fenómeno do islamismo militante tem sido sem dúvida uma das maiores histórias do nosso tempo. Já me levou até Nova Iorque para cobrir os ataques do 11 de Setembro e a Londres por ocasião dos ataques bombistas suicidas de 7 de Julho de 2005. Eu estava na Líbia quando começou a ganhar raízes neste país e vi-o espalhar a morte e a destruição no Iraque. No início de 2015, desloquei-me a Paris após os ataques ao *Charlie Hebdo* e ao supermercado *kosher* Hyper Cacher.

Apesar da enorme publicidade, ainda há muita coisa que não conhecemos acerca do EI, nem dos homens violentos que o controlam. Estamos a descobrir cada vez mais coisas sobre a vida no interior do autoproclamado califado. Para um jornalista, as questões de segurança fizeram do Iraque um lugar onde é extremamente difícil trabalhar. Existe o risco constante de rapto e, claro está, o perigo de bombistas suicidas e de carros-bomba. A Síria tornou-se virtualmente uma zona para onde os meios de comunicação social ocidentais não devem ir. O EI assassinou brutalmente jornalistas corajosos como Kenji Goto, James Foley e Steven Sotloff, que se aproximaram demasiado.

Quis investigar o EI para compreender a história deste movimento, a sua selvajaria e os homens cruéis que o criaram. Conversei com pessoas no Iraque e noutros locais do Médio Oriente e também na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América. Entrevistei um número considerável de pessoas, desde especialistas e políticos no Ocidente e no Médio Oriente até estrategos militares norte-americanos que tentaram eliminar o grupo e outras testemunhas importantes. Também há um tesouro de documentos importantes,

desde os telegramas secretos da Embaixada dos EUA em Bagdade aos documentos e correspondência descobertos na casa do líder da al-Qaeda, Osama bin Laden, pelos SEAL da Marinha dos EUA que o mataram. Obtive mesmo informações de fugas que os serviços secretos norte-americanos acreditam serem provenientes do interior da liderança do próprio Estado Islâmico. Todas estas informações ajudaram a pintar um quadro tenebroso da ascensão do EI e das pessoas e circunstâncias que contribuíram para que se tornasse uma realidade.

Desde que apareceu como um pequeno *gang* de violentos extremistas jihadistas chamado al-Tawhid wa'l Jihad, o EI já mudou pelo menos cinco vezes de nome. Muitas pessoas continuam a preferir chamar-lhe ISIS; o presidente Barack Obama optou por ISIL; para a BBC é o «chamado Estado Islâmico» ou EI. No Médio Oriente é conhecido simplesmente pelo acrónimo Da'esh, Estado Islâmico do Iraque e do Levante. Para evitar confusões, resolvi chamar-lhe apenas pelos nomes pelos quais se auto-intitula a cada momento ou por «o grupo». Todas estas trocas de nome são importantes porque refletem como é que o grupo se vê a si mesmo em cada momento.

Outro problema são os *aliases*. Todos os líderes terroristas e outros jihadistas chegaram a usar três *aliases*, ou *noms de guerre*. O objectivo disto era confundir os inimigos, e na maior parte dos casos resultou. Vou tentar não aumentar a confusão e, por isso, sempre que possível, também referirei os seus verdadeiros nomes, que colarei aos *noms de guerre* pelos quais são conhecidos.

A linguagem e palavras como «islamita» e «islamismo» também podem dar origem a problemas. Muitos muçulmanos (islamitas) acreditam na democracia tal como é possível ser-se um islamita extremista sem enveredar pela violência. Há salafistas e wahhabis que se opõem ao EI e também há aqueles que o apoiam. Mesmo termos como «terrorismo» e «terrorista» podem ter uma conotação negativa e serem problemáticos.

Em Novembro de 2015 fui de novo enviado para o continente na sequência dos ataques mortíferos que o Estado Islâmico perpetrou em Paris, desta vez para investigar as células jihadistas que planearam o ataque e cuja base se situa no bairro de Molenbeek, em Bruxelas. Em 2015 o grupo reivindicou a responsabilidade por uma série de atentados, incluindo o massacre de

39 turistas em Sousse, na Tunísia, em Junho, e o abate do voo 9268, um avião fretado pela companhia russa Metrojet, no final de Outubro sobre o Sinai, que causou a morte de 224 passageiros e da tripulação. No entanto, foi em Novembro que os atentados de Paris – que envolveram bombistas-suicidas e disparos indiscriminados de rajadas de metralhadora – introduziram na Europa toda a panóplia de horror do EI provocando a morte de 129 pessoas e ferimentos em 352. Para muitos ocidentais, estes atentados fizeram-lhes ver nos seus próprios países a verdadeira dimensão da ameaça que este grupo representa.

# 1

## A face que lançou mil ataques

2014

### **Bagdade, 5 de Julho de 2014**

Morreu ou ficou gravemente ferido, ou pelo menos foi o que nos contaram. Tudo aconteceu durante um ataque levado a cabo por forças de segurança iraquianas numa cidade chamada al-Qaim, na fronteira síria. Para mim, que trabalhava atrás das paredes de cimento e protegidas por arame farpado de um escritório em Bagdade, achei isso demasiado incrível para ser verdade, mesmo naqueles dias fora do vulgar de Junho e Julho de 2014. No entanto, o ministro iraquiano do Interior foi bastante firme quando lhe telefonámos e nos afirmou que o homem mais perigoso do mundo talvez estivesse fora de combate, e para sempre.

No espaço de algumas semanas, Abu Bakr al-Baghdadi parecia ter transcendido o seu papel sombrio como um dos terroristas mais procurados para se tornar uma força da natureza. Como um fogo vingador, ele e os seus 30 000 jihadistas assolaram a fronteira leste entre a Síria e o Iraque. Conquistaram um território que nessa altura se estendia por cerca de 670 km desde os arredores orientais de Aleppo, na Síria, até à cidade iraquiana de Sulaiman Bek, que fica apenas a cerca de 100 km da fronteira com o Irão. Surpreenderam o mundo com uma movimentação de tal maneira invulgar que Mossul, a segunda maior cidade do Iraque, caiu em poder de Baghdadi. Milhares de

soldados e civis iraquianos foram massacrados e atirados para valas rasas. O próximo alvo de Baghdadi passou a ser Bagdade.

Apenas seis dias antes, a 29 de Junho, Abu Mohammed al-Adnani, o porta-voz do sanguinário Baghdadi, fizera uma proclamação alarmante: o Estado Islâmico do Iraque e da Síria deixara de existir.

A partir daí, o ISIS passaria a ser conhecido simplesmente por Estado Islâmico, uma entidade que deixava de estar circunscrita às fronteiras da Síria e do Iraque. Foi criado um império islâmico conhecido por califado, do qual Baghdadi se tornou o califa. Não era apenas uma espécie de papa-imperador islâmico, pois assumiu-se como o verdadeiro descendente directo do profeta Maomé.

O nome de guerra completo de Baghdadi era Abu Bakr al-Baghdadi al-Husseini al-Qurayshi; o seu verdadeiro nome também era conhecido. Na verdade, chamava-se Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai, mas com um acrescento de extrema importância: tal como usa no seu *alias*, incluiu «al-Quraishi», o que significa «dos Quraishis», ou seja, al-Baghdadi afirma pertencer à linhagem da tribo da própria família de Maomé, conhecida por Quraishis, o que é considerado pelos estudiosos muçulmanos, e muito em especial pelo Estado Islâmico, um requisito essencial para se ser califa.

Isto ficou bem claro quando Adnani, o guru dos meios de comunicação do EI, declarou:

O califa Ibrahim (que Alá o proteja) reúne todas as condições para *khilafah* [califa] mencionadas pelos eruditos [...] A sua autoridade expandiu-se por vastas áreas do Iraque e do *Sham* [Síria e Líbano]. Agora a terra submete-se às suas ordens e autoridade desde Alepo até Diyala. Por isso temam a Alá, Oh servos de Alá! Ouçam o vosso califa e obedeçam-lhe! Apoie o vosso Estado, que cresce todos os dias – pela graça de Alá – com honra e elevação, enquanto aumenta o número dos seus inimigos que batem em retirada e são derrotados<sup>1</sup>.

Para os muçulmanos existem poucas palavras que tenham tanta importância como «califa». O califado histórico é considerado desde há muito a maior e mais importante instituição soberana da história do islão e a palavra

aparece muitas vezes no plural, que pode ser *khulafa* e *khala'if*, e cuja tradução é «sucessores» ou «herdeiros»<sup>2</sup>. A seguir à morte de Maomé, em 632, o primeiro califa reconhecido foi Abu Bakr, chamado Khalifatu Rasul Allah, o «Representante do Profeta de Deus»<sup>3</sup>. Para o islão, e para qualquer homem mortal – e não pode existir outro tipo de homem –, não pode existir maior honra do que ser herdeiro de Maomé.

Enquanto não largávamos os telefones para tentarmos confirmar o que acontecera a Baghdadi, o próprio apareceu-nos repentina e dramaticamente nos ecrãs das nossas televisões. Envergava o manto e o turbante pretos do Profeta enquanto subia a coxear os degraus do mimbar, a versão muçulmana de um púlpito, na grande mesquita de al-Nuri, em Mossul. Ao chegar ao cimo, saudou a audiência, formada sobretudo por jovens vestidos com *jeans* e *T-shirts*, depois sentou-se e limpou os dentes enquanto esperou que o almua-dem terminasse o chamamento para a oração.

Foi a primeira vez que Baghdadi se mostrou ao mundo por vontade própria. Até aí tudo aquilo que se conhecia dele era um rosto carrancudo e ressentido de uma fotografia dos registos de prisão. O Ministério do Interior iraquiano, que frequentemente confere um estranho toque de humor a assuntos de gravidade, emitiu um comunicado através do qual garantiu ser «indiscutível» que aquela figura desconcertante não era Baghdadi. O brigadeiro-general Saad Maan, o porta-voz bem-intencionado do ministério, afirmou muito confiante: «Analisámos o vídeo [...] e descobrimos que é uma farsa.»<sup>4</sup> Não se tratava de uma farsa, mas de uma gravação de Baghdadi do dia anterior.

A confusão talvez fosse compreensível. Apesar do terror que Baghdadi infligira durante os últimos quatro anos, poucas pessoas sabiam quem ele era e qual o seu aspecto. Houve mesmo quem dissesse que usava uma máscara, o que lhe valeu a alcunha de «o Xequê Invisível»<sup>5</sup>.

Até esta altura tudo aquilo que se conhecia eram apenas duas fotografias de prisão de Baghdadi, tiradas durante os dez meses de cativo num campo de prisioneiros dos EUA<sup>6</sup>, mas o rosto rebelde por detrás da barba grisalha, com aquelas sobrancelhas espessas e negras ao estilo de Groucho Marx e aqueles olhos castanhos, frios, era inconfundível. Tratava-se «indiscutivelmente» de Abu Bakr al-Baghdadi, de longe um dos maiores assas-

sinos do século XXI. Sim, era mesmo a cara daquele que, só durante 2013, lançara uns 1000 ataques e mais de 6800 atentados à bomba, de acordo com o aterrador relatório anual intitulado *Al-Naba* (O Relatório), que publicara alguns meses antes<sup>7</sup>. De facto, para sermos precisos, Baghdadi vangloriou-se de 6876 atentados à bomba e de 1083 assassínios premeditados nesse ano. Este homem não só já matou milhares de pessoas como gosta de catalogar os seus assassínios e massacres meticulosamente para a posteridade.

Do alto do mimbar apelou ao *Ummah*, a palavra que designa os muçulmanos espalhados por todo o mundo, que lhe prestasse fidelidade, ou *bay'ah*, e afirmou: «Eu sou o *wali* [líder] que vos governa [...] embora eu possa não ser o melhor de vocês, se acharem que estou certo, então apoiem-me. Se acharem que estou errado, aconselhem-me, ponham-me no caminho certo e obedeçam-me desde que eu obedeça a Deus através de vocês.» Enquanto discursava, os seus olhos observavam a audiência num lento e cauteloso movimento de vaivém da esquerda para a direita como holofotes a partir da torre de vigia de uma prisão.

Desde o século XV que os sultões do Império Otomano tinham reclamado o título de califa. Num processo iniciado em Novembro de 1922, a nova Assembleia da Turquia aboliu o sultanato, mas, devido a uma subtilidade da Constituição, o título de califa coube ao príncipe herdeiro, Abdülmecid Efendi, um artista conceituado e ávido colecionador de borboletas. Abdülmecid II foi o 101.º muçulmano sunita a reclamar o califado desde a morte do profeta Maomé em 632. No entanto, a 3 de Março de 1924, a Assembleia da Turquia aboliu o califado e no dia seguinte um grupo de oficiais da nova república turca escoltou Abdülmecid II à estação de comboios, naquilo que foi descrito como uma «atitude humilhante», e embarcaram-no no Expresso do Oriente com destino a Paris e ao exílio permanente<sup>8</sup>. Faleceu na capital francesa vinte anos mais tarde, precisamente aquando da expulsão dos nazis<sup>9</sup>. O contraste entre o último califa reconhecido pelo mundo islâmico e esta aparição em Mossul não podia ser maior.

Baghdadi declarou um califado, que se estende desde os Pirenéus até à Indonésia, do qual é imperador e sumo-pontífice, mas que de facto representa um domínio à escala mundial. No entanto, aquilo que os meios de comunicação ocidentais mais ridicularizaram foi o relógio que exibiu, e que

tanto pode ser um *Omega Seamaster*, «como aquele que James Bond usa», como um *Rolex* adquirido por quem tenha 8000 libras esterlinas para gastar<sup>10</sup>. Era claro que Baghdadi não nutria um ódio obsessivo para com os valores ocidentais, mas, apesar deste deslize de relações públicas pouco habitual, não fez uma triste figura, longe disso. Nessa altura, os ecrãs das televisões exibiram imagens aterradoras dos massacres cometidos em seu nome.

Quando lançou a sua guerra contra o mundo já o conflito do Iraque era uma recordação longínqua e a terrível carnificina que se seguiu também foi demasiado horripilante de acompanhar; as multidões regressaram a casa e o mesmo fizeram as tropas estrangeiras. Foram muitos os ocidentais que viram Baghdadi quase como um duende maléfico de uma história de horror já meio esquecida.

Para Baghdadi e para os seus predecessores, e durante cerca de vinte anos, o califado tinha sido o derradeiro objectivo e a razão de toda a extraordinária violência de que fizeram uso contra os seus muitos inimigos. Todas as atrocidades, torturas, assassínios e roubos foram simples meios de uma obsessão avassaladora empenhada em destruir os Estados-nação, expandir o território e construir um califado a partir das cinzas.

Baghdadi percorrera um longo caminho. Em pouco mais de quatro anos pegou num miserável *gang* de jihadistas à beira da derrota total e conduziu-os ao sonho que há muito acalentavam: um califado no coração do mundo muçulmano, governado segundo as leis da Charia e com acesso às vastas reservas de petróleo da região. Baghdadi soube aproveitar as revoltas de seitas de ambos os lados da fronteira entre a Síria e o Iraque para criar o seu califado, e os EUA, a Grã-Bretanha e diferentes governos do Médio Oriente não tiveram força para o impedir. E exortou os muçulmanos: «Por isso corram, Oh muçulmanos, para o vosso Estado! Sim, é o vosso Estado. Corram, porque a Síria não é para os sírios e o Iraque não é para os iraquianos. A terra é de Alá.»<sup>11</sup>

Nas palavras do EI esta terra tinha sido tomada pela espada<sup>12</sup> e em Junho de 2014 os seus territórios tinham assumido muitas das características de um Estado. Na altura em que escrevo, vivem no «Estado Islâmico» mais de 6 milhões de pessoas que se submeteram à lei da Charia conforme esta

é interpretada por Baghdadi. Falei com pessoas nas capitais gêmeas do EI de Raqqa, na Síria, e de Mossul, no Norte do Iraque. Transmitiram-me testemunhos eloquentes do medo que a maior parte das pessoas normais sente por viver sob o jugo das regras severas e implacáveis do EI.

Diz-se que o Estado Islâmico é a mais rica organização terrorista da História graças ao controlo que exerce sobre pessoas e territórios. Já assaltou bancos: em Mossul, o grupo é acusado de ter roubado cerca de 425 milhões de dólares do Banco Central, embora o vice-governador do banco recuse confirmar ou negar o desaparecimento deste dinheiro<sup>13</sup>.

O facto de o grupo se ter apropriado de poços e refinarias de petróleo, em especial na Síria, ajudou a acumular a riqueza fabulosa do EI, que provavelmente ronda os 4,5 mil milhões de dólares, embora ninguém saiba ao certo qual é o seu verdadeiro valor. O controlo de importantes postos fronteiriços permitiu-lhe contrabandear petróleo para a Turquia e outras zonas, bem como negociá-lo no mercado negro. Diz-se que só nas duas primeiras semanas de Julho de 2014, o EI ganhou 1 milhão de dólares por dia apenas com a venda de petróleo no mercado negro<sup>14</sup>, no entanto pode ter sido o triplo deste valor<sup>15</sup>.

O califado também tem obtido quantias consideráveis através do pagamento de resgates de reféns, da venda de antiguidades, de extorsão e de impostos cobrados às pessoas que vivem nos seus territórios e que servem para alimentar a sua expansão e terror. Este terror começou por ser exercido no território do califado. Falei com pessoas em Raqqa que testemunharam várias decapitações. Têm sido atirados homossexuais do alto de edifícios no Norte do território iraquiano de Nínive e em Raqqa; mulheres acusadas de adultério, apedrejadas até à morte; cristãos, crucificados; e muitos jovens curdos torturados e mortos. Há homens que têm sido decapitados por «bruxaria»; um jovem piloto jordano foi queimado vivo numa jaula<sup>16</sup>. O povo yazidi, que sofreu um violento ataque do EI a Sinjar, no Noroeste do Iraque no final do Verão de 2014, viu as suas mulheres e crianças, conforme se pode ler na *Dabiq*, a luxuosa revista do Estado Islâmico, «serem entregues, de acordo com a Charia, aos combatentes do Estado Islâmico que participaram nas operações de Sinjar»<sup>17</sup>. Abu Mohammed al-Adnani, o guru de Baghdadi para a comunicação social, avisou todos os outros, provavelmente a maior parte

das pessoas que estão a ler este livro, de que seriam a seguir: «Vamos conquistar a vossa Roma, quebrar as vossas cruzes e escravizar as vossas mulheres, com a autorização de Alá, o Altíssimo. Foi isto que Ele nos prometeu; Ele é glorificado e não falta à Sua promessa. Se não chegarmos a esse tempo, então os nossos filhos e netos chegarão, e irão vender os vossos filhos como escravos no mercado de escravos.»<sup>18</sup>

Muitos de nós que estávamos em serviço a partir de Bagdade durante aquelas semanas perigosas e fetidamente escaldantes de Junho e Julho de 2014 sentimo-nos incomodados, para não dizer pior, ao sabermos que as forças de Baghdadi e do seu porta-voz Adnani estavam a tentar abrir caminho até à capital. Supunha-se que a ocidente os combatentes do Estado Islâmico se batiam pelas cidades de Ramadi e Abu Ghraib. Cerca de 160 quilómetros a norte também combatiam em redor de Tikrit. Neste estranho conflito que continuava a alastrar o EI procurava apoderar-se de Kirkuk, no Norte da região do Curdistão, e de Baqubah, a noroeste de Bagdade, numa tentativa para cercar a capital iraquiana. Tornou-se uma guerra sórdida em várias frentes. Antes de eu ter saído de Bagdade, vários colegas da BBC apostaram comigo em como teria que ser salvo por helicópteros para escapar ao avanço das forças do EI tal como tinham visto em velhos documentários sobre a queda de Saigão em poder do Vietcong, em 1975. Houve um plano de evacuação, mas felizmente não foi necessário. O avanço do EI em direcção à capital foi travado nos acessos tanto por oeste como por norte.

Em Julho de 2014, com o inimigo às portas, Bagdade era uma cidade da frente de combate, mas já o tinha sido desde que os jihadistas desencadearam o assalto à capital onze anos antes. Graças aos assassinos de Baghdadi, enquanto derretíamos sob temperaturas de mais de 50° C, o troar impiedoso dos bombardeamentos e dos disparos foi constante. Já todos tínhamos ouvido falar que a «Hora Zero» estava prestes a chegar: mais de 200 células terroristas adormecidas do EI iriam desencadear um ataque a partir do interior de Bagdade para apoiarem os combatentes que avançam pela zona oeste da capital. Mais de 1500 homens do EI iriam intensificar os bombardeamentos contra alvos-chave no intuito de penetrarem na «Zona Verde», a zona mais fortificada da cidade, onde se encontram os principais edifícios do governo e a grande embaixada dos EUA<sup>19</sup>. No entanto, a Hora Zero não

chegou nessa altura nem em visitas posteriores. Pode ser que nunca chegue. Para Baghdadi, a capital iraquiana continuará a ser o objectivo, o futuro centro do seu califado. É preciso não esquecer que o nome de guerra dele significa «de Bagdade».

A criação e existência deste califado deve-se a uma combinação tóxica de vários factores, nos quais se incluem: a invasão do Iraque em 2003 liderada pelos EUA e a atabalhoada ocupação do país; a Guerra Civil Síria; uma corrupção galopante, sobretudo no exército; a divisão sectária entre muçulmanos sunitas e xiitas, tanto no Iraque como na Síria; e a incapacidade dos governos iraquianos predominantemente liderados por xiitas em se comportarem de uma forma justa e razoável para com a desesperada minoria sunita do país. Todos estes fracassos terríveis desempenharam um papel no crescimento do EI. Porém, para darmos crédito a quem o merece, isso também se ficou a dever à habilidade de Baghdadi e dos seus antecessores para explorarem todos estes factores em seu próprio proveito, a par da sua ambição desumana em instaurar o califado custe o que custar.

## **Zarqawi e a grande má ideia**

O Estado Islâmico apareceu em 1999 como um campo de treino para jihadistas no Afeganistão chamado Tawhid wa'l Jihad. O nome significa «Monoteísmo e Jihad»<sup>20</sup>, o monoteísmo representa a crença fundamental em Alá como o único Deus e a *jihad* é o meio para estabelecer a sua lei, a Charia, na Terra. Quem ficou encarregue do campo perto da cidade de Herat foi um jordano chamado Abu Musab al-Zarqawi, que ajudou a espalhar o caos e a morte pelo Iraque e se tornou um dos terroristas mais temidos do mundo.

Zarqawi impôs a ideologia virulenta e intolerante que constitui o fundamento do actual Estado Islâmico. A obsessão que o movia também era o estabelecimento de um califado e os seus métodos eram precisamente os mesmos de Baghdadi: tanto podia queimar vivo um piloto capturado como usar bombas para queimar muitos milhares de homens, mulheres e crianças durante três longos anos de um terror delirante. Abu Bakr al-Baghdadi considera justamente que Zarqawi é o verdadeiro pai fundador do Estado Islâmico.

Richard Barrett, um antigo agente dos serviços de informações britânicos e agora analista de questões de segurança da equipa de especialistas do Soufan Group norte-americano, afirmou: «É interessante olhar para o Estado Islâmico porque al-Baghdadi e a propaganda do Estado Islâmico apresentam realmente Abu Musab al-Zarqawi como tendo sido o tipo, o fundador, que foi mesmo mais importante do que o próprio Osama bin Laden.»<sup>21</sup>

À semelhança de Baghdadi, Zarqawi era obcecado com os meios de comunicação social e em projectar a sua figura e mensagem perante um mundo descrente. Além disto, temos a violência inconcebível com que os dois homens tratam os seus semelhantes muçulmanos, sobretudo os xiitas, os seus inimigos mais odiados, mas também os seus supostos camaradas sunitas, que afirmam representar. Zarqawi também raptou reféns ocidentais e filmou-os enquanto lhes cortava as cabeças com uma faca; Baghdadi contentou-se em deixar que outros se encarregassem de tais atrocidades, embora sob as suas ordens.

Foi Zarqawi quem revelou pela primeira vez ao mundo exterior o calendário segundo o qual os jihadistas esperam dominar o planeta. Acabaria por ter uma vida curta e brutal, tal como brutal foi a maneira como acabou com a vida de um número incalculável de pessoas inocentes. O seu legado foi a morte de mais uns milhares. Falei com o doutor Alaa Makki, um importante parlamentarista iraquiano sunita, acerca de Zarqawi, e pedi-lhe para comparar Zarqawi, o chamado primeiro emir, com Baghdadi. «Deixe-me colocar a questão em termos de um sistema de computadores», disse Makki: «se al-Baghdadi é o Windows 10, então Zarqawi é mais parecido com o Windows 1 ou 2. Musab al-Zarqawi era o líder de pequenos grupos armados, um líder de uma milícia local, que matou sobretudo muçulmanos xiitas e também muitos sunitas. Mas Abu Bakr al-Baghdadi tem mais combatentes, criou o seu califado, autoproclamou-se califa e exige lealdade a todos os muçulmanos. Tratou-se de uma proclamação bastante perigosa. É aqui que reside a diferença mais óbvia.»<sup>22</sup>

Ao contrário de Baghdadi, sobre quem se conhece tão pouco, Zarqawi não tem mistérios. Todos os relatos apontam para que tenha começado por ser um ladrão de rua e um arruaceiro até cair sob a influência de religiosos islamitas extremistas. Zarqawi nasceu a 20 de Outubro de 1966 numa casa

com vista para um cemitério na cidade jordana de Zarqa<sup>23</sup>, daqui o seu posterior nome de guerra al-Zarqawi, «de Zarqa». O seu verdadeiro nome era Ahmad Fadil al-Nazal al-Khalayleh, e a família descendia de árabes beduínos do clã al-Khalayleh, um ramo da tribo Banu Hassan. Depois de sair da escola aos 17 anos, teve uma série de empregos sem futuro e chegou mesmo a trabalhar numa fábrica de papel<sup>24</sup>. Costumava beber bastante e meter-se em rixas. Foi acusado de tráfico de drogas e mesmo de proxenetismo. Era conhecido por «Homem Verde» devido às suas muitas tatuagens, que mais tarde tentou apagar com ácido clorídrico<sup>25</sup>. Zarqawi era baixote, bem constituído e debatia-se com problemas de excesso de peso. Ao longo dos anos, este jordano aparece em fotografias e filmes com um rosto grande, opado, por vezes de aspecto gelatinoso e com frequência de barba e bigode.

Zarqawi começou a radicalizar-se na prisão depois de ter sido condenado por posse de droga e violação<sup>26</sup>. Não é difícil perceber por que razão Zarqawi foi infectado pelo extremismo islamita na prisão: era um homem problemático que vivia num país conturbado. Em Setembro de 1970, o rei Hussein da Jordânia declarou guerra à Organização de Libertação da Palestina (OLP), um conflito que levou à expulsão de milhares de refugiados e combatentes da OLP. Nas décadas seguintes o islão politizado, sob a forma da organização transnacional Irmandade Muçulmana, tornou-se cada vez mais proeminente na Jordânia e infiltrou-se nas universidades e noutras instituições importantes. Segundo Jean-Charles Brisard, biógrafo de Zarqawi, um dos ramos da Irmandade infiltrou-se nos enclaves palestinianos na Jordânia, ao passo que outro, a Frente de Acção Islâmica, se tornou uma verdadeira força no terreno. «Deste modo, o contexto político jordano da década de 1990 parecia um caldo nutritivo no qual as organizações islâmicas e as correntes radicais proliferavam.»<sup>27</sup>

No final da década de 1980 Zarqawi começou a frequentar mesquitas para receber instrução religiosa, sobretudo a mesquita al-Husayn Ben Ali em Amã, a capital da Jordânia. Depois disto tomou a fatídica decisão de ir para o Afeganistão, onde entrou em contacto com os *mujahidin*, com a al-Qaeda e com o seu líder carismático, Osama bin Laden. Zarqawi chegara atrasado à verdadeira guerra contra os soviéticos: os *mujahidin* consideravam que a União Soviética era constituída por infiéis e cruzados, mas esta decidira pôr

fim à sua intervenção desastrosa no Afeganistão e abandonar o país. Pensa-se que Zarqawi se encontrou pela primeira vez com Bin Laden no Afeganistão, no início da década de 1990, tendo assim começado um relacionamento de frequentes altos e baixos entre a al-Qaeda e a rede de Zarqawi, que mais tarde viria a dar lugar ao Estado Islâmico. No entanto, foi o encontro na cidade paquistanesa de Peshawar com um obscuro erudito islamita que viria a ter ramificações importantes.

Tendo nascido em 1959, Abu Muhammad al-Maqdisi tornou-se um dos eruditos islamitas mais influentes do Médio Oriente – o seu verdadeiro nome é Isam Muhammad Tahir al-Barqawi. Maqdisi foi um líder espiritual e um ideólogo extremamente importante para muitos jihadistas. Entre os pertencentes de Mohammed Atta, o líder dos ataques a Nova Iorque e Washington do 11 de Setembro, foram encontradas dezoito publicações de Maqdisi<sup>28</sup>. Tornou-se conhecido no início da década de 1980 quando publicou *Millat Ibrahim – The Denomination and the Creed of Abraham*, venerado como um manual pelos extremistas islâmicos de todo o mundo. Mais do que qualquer outro erudito, apesar de se ter tornado um crítico acérrimo do grupo em 2014<sup>29</sup>, Maqdisi é o responsável pela ideologia desumana e intolerante seguida pelo EI. Maqdisi também ajudou Zarqawi a tornar-se o monstro que se conhece; Jean-Charles Brisard descreve-o como sendo «mil vezes mais perigoso do que Zarqawi»<sup>30</sup>.

Maqdisi apresentou a Zarqawi, então um jovem impressionável de 23 anos, uma forma extremamente puritana do islão conhecida por salafismo. Os salafistas acreditam que é preciso purificar o islão daquilo que consideram ser a poluição e corrupção provocadas pela colonização do Médio Oriente por potências europeias como a Grã-Bretanha e a França. Os salafistas como Bin Laden também acrescentaram o «longínquo inimigo» dos EUA e os efeitos da influência norte-americana à lista dos poluentes. Os homens deverão recuar mais de 1300 anos, até ao tempo do profeta Maomé, quando o islão era puro e Deus, ou Alá, era a fonte de todo o poder.

Os salafistas modernos consideram que a civilização ocidental é extremamente perigosa para o islão, uma ameaça destruidora, articulada ainda com mais força por um segundo erudito fundamentalista islamita e um dos mais importantes do seu tempo, Sayyid Qutb. No seu livro de 1964, *Milestones*,

que continua a exercer uma influência decisiva, Qutb, um egípcio, apela à *jihad*, uma guerra santa não só em defesa do islão mas, em última instância, como um meio para impor a lei da Charia por todo o mundo ou, segundo as suas próprias palavras, «como um meio para estabelecer a autoridade divina [...] de a levar a toda a humanidade na Terra, porque o objectivo desta religião é a humanidade no seu todo e a sua esfera de acção é a Terra toda»<sup>31</sup>. Assim, o projecto de Qutb abrange claramente tanto os muçulmanos como todos os não muçulmanos. Refere que a elevação do homem à posição de *khalifah*, califa, como representante de Alá na Terra, é «um requisito essencial para se alcançar a liderança da humanidade» e «uma condição essencial para a verdadeira existência do próprio islão»<sup>32</sup>.

Qutb defende que o «homem ocidental» já não é capaz de liderar a humanidade porque foi «incapaz de apresentar quaisquer valores saudáveis para a condução da humanidade»<sup>33</sup>. Só o islão e a Charia o poderão fazer, mas antes a comunidade muçulmana «tem que ser restaurada na sua forma original». A comunidade deve regressar ao século VII e aos dias do profeta Maomé e da primeira geração de muçulmanos, cuja única orientação era o Alcorão Sagrado. Nesse tempo existia um verdadeiro sistema islâmico governado pela Charia. «Nunca mais se encontrou outra geração deste calibre», escreveu Qutb<sup>34</sup>, que acabou por ser enforcado depois de o acusarem de ter alegadamente participado na tentativa de assassinio do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser<sup>35</sup>.

O salafismo deriva da expressão árabe *al-salaf al-salih*, que significa os «antepassados devotos»<sup>36</sup> do século VII, por outras palavras, a geração de Maomé e as duas que se lhe seguiram. Tal como Qutb, os salafistas modernos acreditam que os primeiros muçulmanos e os sucessores imediatos de Maomé são o exemplo perfeito do que significa ser um muçulmano virtuoso e as gerações posteriores devem imitá-los. O islão tem de ser purgado de todas as impurezas e despojado de qualquer ambiguidade ou sentimentalismo no que diz respeito às outras religiões. Se fosse um automóvel de luxo altamente evoluído, equivaleria a convertê-lo no primeiro modelo e retirar-lhe todos os acessórios para que a mecânica pudesse ficar à vista.

Há conceitos, como o de democracia, que o salafismo não reconhece. A resposta tem que ser um Estado Islâmico no qual a única lei é a lei de

Deus, ou Charia. Esta ideia foi defendida aprofundadamente pelos wahhabis, a seita extremista islamita que é muitas vezes descrita como sinónimo de salafismo. Financiados pela família real saudita, a quem conferem legitimidade, os wahhabis têm espalhado a sua mensagem fundamentalista e intolerante por todo o Médio Oriente com consequências gravíssimas para a região e para todo o mundo.

«A democracia é uma religião. Mas não é a religião de Alá», escreveu Maqdisi. Até a implementação de legislação era uma heresia. Os legisladores, incluindo os membros do Parlamento, eram apóstatas, culpados de *kufr*<sup>37</sup>.

O *kufr*, ou descrença, é o pior pecado de apostasia, cometido por pessoas que se afastam do islão puro tal como este é interpretado pelos salafistas. Os apóstatas ultrapassaram os limites e devem ser privados dos seus direitos sociais e excluídos da economia<sup>38</sup>. Para Baghdadi e, antes dele, para Zarqawi, o *kufr* aplica-se a todos, tanto a não muçulmanos como a muçulmanos, que não concordem com esta interpretação extremamente limitada do islão, e tornou-se uma condenação à morte que resultou no genocídio de muitos milhares de muçulmanos xiitas, yazidis e cristãos. Os apóstatas, ou *kuffar*, merecem morrer. «Nunca houve um único dia em que o islão tivesse sido uma religião de paz», declarou Abu Bakr al-Baghdadi em 2015. «O islão é a religião da guerra. O seu profeta (que a paz esteja com ele) foi enviado com a espada como uma misericórdia para a Criação. Ordenaram-lhe que fizesse a guerra até que só Alá fosse adorado.»<sup>39</sup>

Maqdisi e Zarqawi tornaram-se amigos improváveis, o ideólogo e intelectual brilhante e o antigo arruaceiro e bêbedo. Juntos revelaram-se uma combinação letal de ideologia e brutalidade extrema. Segundo outra biógrafa de Zarqawi, Loretta Napoleoni, a ideologia combinada com a raiva que corria pelas veias de Zarqawi fez que para ele o mundo ficasse terrivelmente simplificado: «O *takfir* [o acto de declarar que alguém é um infiel] foi a sua resposta ao consumismo e à rápida modernização que destruíram o modo de vida beduíno. O *takfir* foi a maneira como atacou aqueles que lhe impuseram uma vida de miséria, de marginalização socioeconómica e de humilhação sem fim.»

Há muito tempo que o salafismo dá mostras de ser uma ideologia perigosa, mas Zarqawi iria conduzi-lo à sua conclusão lógica. Para este homem

violento e instável, isto significa a destruição física dos acusados de apostasia, o *kuffar*, de acordo com a sua visão limitada e retorcida da sua própria religião e do mundo que o rodeia. O *takfirismo* tornar-se-ia uma justificação para o genocídio de outros muçulmanos, sobretudo xiitas, mas também de sunitas «errantes». Exigiu ainda o extermínio dos não muçulmanos, sobretudo das minorias cristãs e yazidi do Iraque, uma «política» que continua a ser seguida impiedosamente por Abu Bakr al-Baghdadi durante as suas conquistas fulminantes de vastas áreas do Iraque desde 2014. O *takfirismo* deu a Zarqawi todas as desculpas de que precisava para alimentar os seus monstruosos demónios interiores e deixá-los à solta pelo mundo.